

O CENACULO

REDACÇÃO:

DARIO VELLOZO,
SILVEIRA NETTO, *Secretario*; JULIO PERNETTA, *Thezoureiro*;
ANTONIO BRAGA.

~~~~~  
SUMMULA :

PAG. :

|                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------|-----|
| I OS DOIS NADAS, de Edmundo de Barros . . . . .              | 464 |
| II TÓTO BUENO, de Julio Pernetta . . . . .                   | 462 |
| III VIA DOLOROSA, de Silveira Netto . . . . .                | 473 |
| IV HÉLAS, de Leoncio Correia . . . . .                       | 474 |
| V FLÓRES DE LARANGEIRA, de Nestor de Castro. . . . .         | 475 |
| VI ETHNOLOGIA BRAZILICA, pelo Dr. J. J. de Carvalho. . . . . | 478 |
| VII A PARABOLA DO AMOR, de Romario Martins . . . . .         | 486 |
| VIII RESPIGAS . . . . .                                      | 488 |
| IX INDICE . . . . .                                          | 491 |

---

Junho de 1896

—  
Paraná-Coritiba

# OS DOIS NADAS

## I

A analyse prescruta os organismos,  
Sonda-os, descreve-os... Mas não pode a sciencia,  
Nem por palavras, nem por algarismos,  
    Descortinar toda, na essencia,  
                Brilhos e paroxismos,  
Essa que à natureza a amar convida  
No humus sensual... de pincaros a abysmos! —:

— A VIDA.

## II

Infaliveis já são da astronomia  
Os calculos... Mas o saber humano  
Não pode, incerto, previnir o dia,  
    Nem previnir o mez ou o anno  
                Dessa breve agonia,  
Com que não ha quem não se importe...  
Onde um nada fenece e outro principia! —:

— A MORTE

EDMUNDO BARROS.

# TÓTÓ BUENO

(COSTUMES PARANAENSES)

## I

Tótó Bueno erguera-se do leito, cantando, cheio de uma alegria que elle mesmo não sabia definir. Fôra para a cosinha *atear* o fogo para preparar o *chimarrão*. Sua mulher, nha Virgilina, deixara-se ficar enrolada no *poncho*. Pois era tão cedo ainda! O gallo apenas cantara pela primeira vez.

Não deixara de extranhar aquelle madrugar alegre de seo Tótó; elle nunca fizera isso. Era verdade que tinha de ir para a roça, mas para isso tinha de esperar os companheiros que tinham ficado de passar por alli.

E o seo Tótó, em roda do fogo, sapateava, deixando por vezes que a lingoa do fogo, em labareda, lambesse-lhe as calças, n'uma caricia ardente de mulher fogosa...

Nha Virgilina incomodara-se:

— «Pois, nho Tótó, isso não tem *porposito*; dia de muita alegria é *vespra* de muita tristeza; mèce parece que está *aduvinhando arguma coisa*.»

— «Quá, nha Vica, enquanto a gente pode deve se *adivirtir* e *forgar*, não ha de ser no buraco do *sumiterio*, que me hei de *adivirtir*; ha de ser aqui, nha Vica, aqui no nosso *rancho*. Mèce não se *alembra* da cântiga de nho Maneco Cego?»

« Quem na vida não se rir  
Quem no mundo não cantar,  
Quando morrer, la no ceo  
Nada leva que contar.

« Morre o moço, morre o velho,  
Morre a creança tambem;  
Se adivirtam minha gente  
Porque hão de morrer tambem.»

Por isso, nha Vica, *vamo cantar e serri.*»

Porem, de repente, n'uma transição brusca, seo Tótó, acocorou-se junto ao fogo, quedou-se n'um profundo silencio desesperador. Olhava para as brasas que se iam amortecendo e desapparecendo, cobertas pela cinza. Esqueceo a agoa que chiava na chocolateira, para o *chimarrão*.

Scismava. O presentimento de uma grande desgraça, agora, batia-lhe em cheio ás portas da imaginação.

Nha Vica tinha razão ; cantar e rir áquella hora morta da noite, só de um louco. E interrogava-se intimamente, procurava a certeza de não ter havido alteração das suas faculdades ; ia pronunciando e repetindo o nome dos objectos que o cercavam ; invocava recordações longinquas tinha vontade de falar, para a se convencer de que tinha o juizo perfeito, que a lingoa obedecia ; sua vontade. Arrependera-se de tudo que fizéra; incomodar sua mulher, cantar áquellas horas ; lembava-se de que o João Fumaça fizera cousa semelhante, pouco antes de morrer.

--«O compadre Vega, Deos que lhe fale na *arma*, tocou viola e cantou á meia noite, pedio *chimarrão*, e logo em seguida morreo. O José levantou da cama ás onze horas da noite, e foi ao fandango em casa do Pedro mascate e o Pintado faqueou elle.»

Seo Tótó lembra-se de tudo. Um cortejo tragico de factos, desfilava por sua imaginação, corporizava-se ante o seo olhar de vidente da superstição. Um grillo chilrou a um canto da cosinha; seo Tótó estremeceo, os cabellos irriçaram-se-lhe ; o coração pulsou violentamente ; era o signal mais certo, mais evidente : ia acontecer alguma cousa em sua casa.

Ergueo-se, foi ao quarto ; nha Vica dormia abraçada ao travesseiro, n'uma attitude de desespero. Seo Tótó fitou-a muito tempo ; tinha pena de deixal-a, principalmente agora que estava grvida, que o primeiro filhinho vinha em breve completar a sua felicidade.

E continuou a fital-a ; approximou-se muito, muito ; chegou mesmo a roçar as pontas do bigode pelo rosto de nha Vica ; nada, ella dormia sempre.

—«Nha Vica... nha Vica... são horas, ogallo já está cantando.»

Nha Vica, estrebuchou, distendeo os braços, descerrou os olhos ; e ao ver o seo Tótó, teve um estremecimento. Lembrara-se imediatamente do sonho que sonhara :

—«Deite, Tótó, pois vòce tem que *trabaiar aminhã*; deite, isto não são horas de estar acordado; parece *lobishome*.»

Seo Tótó accedeo ao pedido de sua mulher ; e a cama de cipó entrelaçado gêmeo ao peso de mais um corpo.

## II

Trez horas da madrugada. Noite em todo o infinito, estrelas pestanejavam indecisas.

—«O' de casa, ó de casa!»

A porta da cosinha se abrio, e os companheiros do seo Tótó invadiram-n'a.

—«Pois você ainda dorme, Tótó?» perguntou o Pedro.

—«Qual, vocês não imaginam o que me acontece esta noite; eu nem devia ir hoje p'ra roça.»

—«Com certeza nha Vica teve *criança*.»

—«Antes fosse. *Coisa pior*. Estou scismando, Pedrinho, que me ha de acontecer alguma *desgracia*.»

—«Primeiro *vamo* ao *chimarrão*, Tótó; depois conte o *causo*,» disse o Euzebio, n'uma inflexão de voz guttural.

—«Até nem me alembra mais.»

E o seo Tótó, de gatinhas, soprava o fogo, pondo-lhe *cavaquinhos*, para que ateasse mais ligeiro.

Continuaram a palestrar sobre o *causo*. O seo Tótó queixava-se amargamente que passara uma noite de *carijo*; não dormira nem *uma pontinha*.

—«*Bãos* dias p'ra mèces.»

—«*Bãos* dias, nha Vica; *vancê* como passou a noite?»

—«Não passei muito bem; seo Tótó faz *coisas* de *criança*; pois mèces não hão de ver que este *home*, se *alevanta arta* noite, e vem aqui p'ra cosinha, e *ponhar-se* a cantar e a dançar fandango, solitario; parece gente que não tem juizo, e que está *agorando* alguma *coisa*. Eu nunca vi se fazer isso.»

O Pedrinho, que, entre os seos companheiros, era tido por *poeta* (1) e que ouvira aquella narração, com um sorriso incredulo, dissera afinal:

—«Eu não acredito n'essas *coisas*; pra mim o que tiver de ser ha de ser; eu muita vez tenho sonhado que morri; e, quando me acordo, estou vivo.

Morre quem Deos é servido. Estas *coisas* de scisma, não é com o filho de meu pae.»

Como sempre, todos escutavam, e o Pedrinho tinha razão: Só morre quem Deos é servido.

—«Querem uma prova? disse o Pedrinho erguendo-se triumphante, o compadre Veiga, quanta vez *elle* se confessou?

(1) Poeta é o vocabulo empregado pelo caboclo para exprimir superioridade intellectual.

e, no entretanto, morreo quando não esperava, tocando viola e cantando. E' *bobage*, eu não acredito n'essas *coisas.*»

O seo Tótó, ante a logica empregada pelo Pedrinho, estava quasi convencido da futilidade das *scismas*, quando o grillo chilrou de novo. Nha Vica, que punha agua na *cuiá*, parou com a chocolateira suspensa, olhando assombrada para o Pedrinho; o seo Tótó tornou a estremecer, os outros circumstantes se entreolharam. O Pedrinho que não cria em causa alguma, acreditou ouvindo o grillo *cantar*; lembrou-se de que a sua falecida mãe, sempre dizia que quando o grillo *canta* dentro de casa, e fora de horas, é desgraça ou hospede; e emmudeceo. Não teve mais palavras de conforto para o pobre Tótó, que, de ouvido attento, esperava escutar de novo o *canto* do grillo, como uma dolorosa sentença.

O *chimarrão* correo.

O Euzebio, picava o fumo, para, depois de seccal-o com um tição, preparar o cigarro

— «São hora, seo Tótó; vamo indo, antes que o dia clareie, vamo rẽ se amanhecem na roça.»

### III

Pela estrada do *Cupim Vermelho* seguiam o seo Tótó e os companheiros. Os burros caminhavam gemendo ao peso dos cagueiros que conduziam as ferramentas e o mantimento para o *pichirum* que se effectuaria d'ahi a dous dias.

O Pedrinho discutia com o Tótó, sobre as grandes corridas que se iam realizar na raia do *Timbú*, entre o *Zaino* e o *Baio*. Os dous camaradas guiavam os burros, e o Euzebio enchia o silencio d'aquellas florestas, que pareciam sonhar extaticas para o firmamento, com o seo canto ás vezes monotono e triste, outras vezes crocitante, n'um arremedo de passaro:

«De que me serve dar ais,  
Romper os ceos com gemidos,  
Se a distancia faz com que  
Meos ais não sejam ouvidos.

«Não boteis o lenço branco  
Na janella d'onde olhaes,  
Dá-lhe o vento, bole o lenço,  
Já cuidam que me acenaes.

«Fui passando pela rua,  
Santo Antonio me chamou ;  
Quando o santo chama a gente,  
Que dirá quem tem amor !

La no *arco* do pinhero  
Um corvo dormindo está,  
Ae ! o corvo é bicho feio  
Quá, quá, quá, quá. »

O dia despontava. A orla do firmamento pincellejada de sangue.

Bandos de passaros em alegre revoada, alvoroçados, como se tivessem despertado ao estampido da arma de caçador matinal, cruzavam-se por sobre a cabeça da comitiva.

Atmosphera clarissima, madrugada de beijos, leve, fina, transparente, melancolisada por uma pulverisação de sonhos mortos.

Madrugada bucolica, em que se respira o perfume que se desprende das flores agrestes, em que a nossa alma parece aspirar, a longos haustos, a grande alma da natureza selvagem; os pulmões dilatam-se, a imaginação aviva-se, e ás vezes, quem sabe, no meio daquella liberdade immensa, nós, os escurraçados da ventura, nos sentimos escravos de uma recordação dolorosa.

Estavam proximos da roça. Os animaes, habituados a esse trajecto, mascavam o freio, anciosos pelo descanso que os aguardava ao termo da viagem.

O Euzebio, indiferente á tristeza do seo Tótó, cantava, pondo uma nota alegre no silencio monotonio que se estabelecera entre os companheiros :

«La no portão da *mangueira*  
Stavas tão triste, querida,  
Que eu não *sube* quar a tua  
Nem *quar* era a minha vida.

«Se eu parto, ficas chorando,  
Se eu fico, ficas zangada;  
Até parece feitiço  
Que te fez tão desgraçada.

«Nha Rosa, eu te quero bem,  
O meu coração é teo.  
Ae ! nha Rosa, diga logo  
Se o teo coração é meu. »

Estavam a meio kilometro da roça, ja ouviam o *acuar* dos cães dos camaradas que trabalhavam na construcçao do rancho.

## IV

O *pichirum* começara animadissimo. Trabalhavam trinta homens na derrubada. Arvores enormes tombavam a golpes de machado.

Em toda a parte a alegria, a algazarra dos risos que se ia misturar á melopea tristissima do canto de um pequeno aleijado que, no rancho, soluçava modinhas, acompanhadas do trinado harmonioso de uma viola velha.

O pae d'essa creança eniuvara, ficando esse filho, envolto na saudade dolorosa daquella que elle amara tanto. Queria-o muito ; não podia deixal-o em casa; soffria de *mal de gottas*; trazia-o sempre comsigo, era tão doentio, coitadinho, que inspirava pena vel-o, esqueletico, livido como um cadaver, olhos cavos, um momo de desespero intimo a retorcer-lhe eternamente os labios.

Distrahia-se tocando viola ; e o instrumento parecia compreender a sua missão: chorava, quando sentia os dedos do aleijadinho, tremulos e frios, roçarem de leve pelas suas cordas retesadas.

O pequeno cantava, sacudindo a cabeça n'um movimento extranho, debruçava-se sobre a viola, chegava muitas vezes a beijal-a n'uma especie de sensualismo louco, de nervos. A's vezes entrecortava as syllabas dos versos com grunhidos surdos, como se tivesse a lingoa preza de uma paralyzia instantanea.

Os homens da roça riam; e o echo dos golpes do machado rolavam surdamente por sobre a copa dos pinheiros e se sepultavam no infinito vazio do espaço, como se a grande alma da natureza partilhasse da magoa profunda que chorava pelos labios enfebrecidos do misero aleijadinho:

«Ae ! *nho* pae, quanta tristeza !  
Eu tenho pena de mim  
Por não poder *trabaiar*,  
Mas Deos foi quem quiz assim.»

E o velho Salvador, que se approximava do *rancho* para saber do filho se precisava dealguma cousa, ainda poude ouvir o final do canto; parou, estremeceo, e não poude conter as lagrimas; chorava murmurando palavras de piedade, repetindo o que ouvira :

«Por não poder *trabaiar*,  
Mas Deos foi quem quiz assim.»

O velho Salvador, penetrou, enfim, no *rancho*. O pequeno fitou-o e continuou a arranhar as cordas da viola. Ainda não se tinha sentado, quando ouvio gritos de *mata, mata, mata*; olhou e viu os seos companheiros de foices e machados suspensos, em attitude de golpe, a perseguirem, elle não sabia o que; desconfiou para logo fosse cobra, e nisso ficaria, se os gemidos de alguem que se approximava, não o fizessem ir ver o que houvera.

Não precisou ir longe, em meio caminho andado, encontrou o *seo Tótó* que vinha nos braços dos companheiros.

—«O que foi?... o que houve?» perguntou ao Pedrinho, que vinha pallido e suado.

—«Uma cobra, uma cobra picou o Tótó em dous logares.»

Um dos camaradas fôra buscar a rede para conduzir o Tótó para casa, outro fôra a procura do *surgião*.

Levado o *seo Tótó* para o *rancho*, o velho Salvador retirou o filho; tinha medo que fosse mordido por *seo Tótó*, n'um accesso de febre.

—«É muito perigoso, é muito perigoso;» repetia elle conduzindo o filho erguido nos braços.

## V

Nha Vica ao avistar a rede, na qual o *seo marido* era trazido, apezar de previnida, não deixou de sentir o calafrio dos grandes sustos percorrer-lhe o corpo, ir até a medula dos ossos. Ergueo os braços em cruz, levou a mão á cabeça:

—«Meo Deos, elle vem morto.»

Foi preciso que o Euzebio que viera na frente, para ver se o *surgião* ja tinha vindo, levasse-a para casa, convencendo-a de que o *seo Tótó* estava vivo. Era verdade que tinha sido *picado*, lá isso era, porem não havia de ser nada, tantos têm sido!...

Entraram os homens conduzindo o *seo Tótó* na rede. Nha Vica correo para elle

—«Como vem branco, meo Deos; está doendo muito, Tótó?.. Onde foi?... onde foi?... Tragam para aqui; a cama está prompta. Nho Pedro, mèce mande *vê o surgião*.»

—«Não se incommode, nha Vica; ja foram o Euzebio e o compadre Felizberto; não ha de demorar.»

Momentos depois se apeava ao portão da mangueira o Euzebio com o tio Chico.

— «Mêce entre, tio Chico,» disse o Pedrinho, azafamado.

— «Nhor sim, ja *entramo* »

Conduzido ao quarto do *seo Tótó*, tio Chico, tratou imediatamente de examinar as partes offendidas. Corria os dedos tremulos pela perna, procurando o *cordão*. Derrepente parou; fiazio a testa:

«Foi jararáca, não tem que ver. Abram mais aquella janella, está maito escuro. Nha Vica, mècese *arretire* um pouco, que fique só nho Pedro.»

E tio Chico auxiliado pelo Pedrinho, continuava a despir o *seo Tótó*; queria ver se não tinha umas manchas pretas pelo corpo.

— «Que diabo, nho Pedro, o *home* está inchando ! Seo Tótó... seo Tótó...»

Nada. O peito de *seo Tótó* arfava, olhos muito abertos, fixos n'uma das paredes lateraes, n'uma immobilidade de morte.

— «Seo Tótó... seo Tótó... Não *arresponde*, o *home* está surdo, não *hai* remedio. Em todo o *causo*, vou fazer uma *menzinha*; mas, não garanto... o *home* está surdo e cégo.»

Tio Chico fazia os primeiros curativos quando annunciaram a chegada de outro *surgião*, onho Maneco Bemfica.

Logo na entrada do quarto, perguntou, antes mesmo de ter examinado o doente.

— «Que *menzinha* fizeram ?»

Tio Chico abrio o *bocó* e mostrou-lhe a *pharmacia*.

— «Eu curo com isto.»

Nho Maneco Bemfica reprovou o tratamento; e os dous *surgiões* discutiram profissionalmente o meio unico applicavel na occasião.

Tio Chico discordou, e retirou-se meneando a cabeça.

— «Não amanhece, garanto que não amanhece.»

Nho Maneco Bemfica, conscio da infallibilidade de sua therapeutica, desfez o *serviço* de tio Chico, e começou outro, como elle entendia.

Passaram a noite em claro; *seo Tótó*, estava mal.

Na cosinha, chuchurreando o *chimarrão*, alguns vizinhos exaltavam as virtudes semi-postumas do *seo Tótó*; contavam façanhas.

— «Era um moço divertido, onde elle stáva, ninguem podia estar quieto.»

— «Era levado,» resmungou uma velha, la de um canto.

Subito os gritos de *acudam... acudam*, pozeram a cozinha em alvoroço. Correram ao quarto. Nha Vica vinha desmaiada nos braços do Pedrinho e do Euzebio.

*Seo Tótó tinha expirado*  
 E os raios clarissimos de uma madrugada esplendida, entraram pela janella do quarto e foram beijar o cadaver de *seo Tótó*.

## VI

Na sála, sobre uma meza forrada por uma colcha de chita, repouzava o cadaver. Duas vélas de cebo ardiam nos castiçais de folha, esbatendo sobre o rosto do morto um sombreado tremulo de luz. Suspensa da parede, pendia a oleographia de um *S. Simão*, para a qual de instante a instante todos os olhos se volviam n'uma supplica muda.

Os vizinhos, que vinham para guardar o corpo do morto, entravam dando *o bãos dias*; e, chegando junto ao cadaver descobria-lhe o rosto, esparziam com um ramo de alecrim a agoa benta que alli estava depositada, n'uma tigella de louça, e la se iam juntar aos outros, para commentar o *causo*...

— «*Bãos dias* p'ra mèces todos.» E um velho alto e calvo assomou á entrada da porta, descobrindo-se.

Um murmúrio percorreu a sala.

— «Nho Maneco Faustino, o encommendor de defuntos.»

Com pequena demora o *seo Faustino*, convidou o povo para a resa.

— «*Vamo que são hora.*»

Ajoelhado ante o cadaver, mãos espalmadas sobre o largo peito, o *seo Faustino* começou a ladainha.

E o canto, pouco a pouco, ia se erguendo, se erguendo e á distancia se o ouvia perfeitamente. Canto profundamente triste, n'uma cadencia morosa de supplica, enchendo o silencio algido da noite, subendo para o firmamento impassivel, estendendo-se por toda a natureza, como mendigando um abrigo no grande coração das mattas.

Alguem que, por circumstancias superiores á sua vontade não, podesse ir *guardar o corpo*, em ouvindo a reza, descerrava as janellas e acompanhava-o chorando.

Quantas recordações! O pensamento, como um coveiro macabro, ia desepultando os cadaveres das recordações.

E o canto continuava n'uma plangencia funebre de lagrimas, invocando, supplicando a protecção dos Deoses inaccessibleis, para que as portas da eternidade se abrissem para receber aquella alma.

Terminada a encommendaçao, *seo Faustino* se erguera, e, n'uma imposan de cura de aldeia, tomou do ramo de alecrim e come-

cou de orvalhar o cadaver com agoa benta, estropiando phrazes latinas, que apprendera nos bellos tempos em que fôra sachristão.

—«*Kirie... eleison... Kriste eleison, pater nostre.*» Ao que o Euzebio, baixando a fronte, respondia: *Amen.*

Começaram as historias. Contava nha Chica pernilongo que houve não sei em que paiz, um homem que fôra amaldiçoado pelo padre, porque não ia á missa nem se confessava; e, quando morreo, estavam guardando o corpo, derrepente *bateo* uma ventania e apagou as velas. Quando tornaram a accendel-as, o corpo tinha desapparecido. Então foram procurar o *sinhô* padre e relataram o occorrido, e elle respondeo:

—«E' isso mesmo, meos filhos; foi Satanaz que levou o corpo, porque lhe pertencia ; o morto era amaldiçoado; e assim acontece a todos os que não vierem á egreja e não respeitarem os padres que são ministros *privados* de Deos.»

O Pedrinho que escutava a historia interrompeo os commen-tarios :

—«Qual o que, os padres são assim mesmo; dizem isso para enganar o povo; mas a mim mesmo elles não enganam, porque conheço quem elles são : uma sucia de vadios que vivem do suor do povo.

«Porque não vão trabalhar na roça, puchar o cabo de uma foice. Eu se fosse *subdelegado*, punha tudo que é pa re na cadeia. Eu não acredito nisso. E' *bobage* inventada para elles roubarem dinheiro do povo.»

E foi até á porta que dava para a estrada, repetindo:

—«Os padres, os padres; é *bobage*; eu não acredito no que elles dizem.»

E outras historias foram se succedendo, interrompidas ás vezes pelos apartes do Pedrinho, outras vezes pelo cigarro ou pelo *chimarrão*.

## VII

O sol, como um enorme topasio encrustado na saphira azul do firmamento, faiscava em refulgencias de ouro.

N'uma rede, suspensa de um *varejão*, conduzida por dous homens, seguira o cadaver de seo Tótó, para o cemiterio da villa.

Seguiam-n'o o prestito dos homens e das mulheres, que aumentava com as pessoas que esperavam em caminho.

No cemiterio, dous camaradas abriam os sete palmos de terra, onde seo Tótó dormiria o sonno eterno dos bemaventurados.

Na occasião da sahida do corpo, nha Vica, n'uma violenta epilepsia de gemidos, abraçara-se ao cadaver, estorcendo-se n'um desespero de inconsolada.

O seo coração bem adivinhara alguma desgraça, quando vira o seo Tótó, alta noite, cantando e dançando. Coitado ! estava se despedindo do mundo.

E agora o que seria d'ella, o que seria d'aquella pobre creança que sentia revolver-se nas suas entranas ? Não conhecer pae ! Nossa Senhora não fòra bòa pàra ella, não ouvira os seos rogos ! Matar o seo marido, deixal-a viuva, em vespera de dar á luz ! Não, Nossa Senhora não fòra bòa, porque não a castigou matando a ella e deixando o seo marido. O homem sempre vive; mas a mulher soffre muito quando enviuva.

. . . . .

Sol em agonia. Um crepusculo de lagrimas sudariza o cemiterio da villa. Ha no espaço um tropel de gemidos somnambulos.

Suspenso por cordas, sobre uma taboa, o cadaver do seo Tótó oscillou no espaço e desceo ao fundo da sepultura.

E os trez torrões de terra, do *rito*, cahiram das mãos de cada um dos presentes sobre o peito rigido do morto.

JULIO PERNETTA.



# VIA DOLOROSA

A Felinto E. Cordeiro.

---

Passem visões terríveis do meu tedio,  
A dor minha existencia mais algeme-a ;  
E a morte faça rindo o seo assedio,  
Que a vida me tem sido uma blasphemia.

Uma por uma as gottas da esperança  
Da ambula da minha alma têm vasado ;  
E, quando o desespero nos alcança,  
Ou endoudece, ou torna desgraçado.

Cada lembrança um grito desenterra  
De um passado que rio, de uma alma ignota ;  
E eis-me como uma esphinge, a dar á Terra  
O olhar sem expressão da pedra immota.

Se uma alma busco a minha dor abraço,  
E a luz vejo-a tão longe, ceo maldito !  
Nas estrellas perdidas pelo espaço  
Como gottas geladas no Infinito.

Immensa noite que desvaira e intangue  
E onde a imaginação, que já se apouca,  
Revolve-se entre lagrimas de sangue,  
Ossadas triturando herege e louca.

A duvida roaz meu seio chumba  
E cresce-me na vida, onde a retive,  
Como um cypreste á beira de uma tumba  
A perguntar se alli se morre ou vive.

E n' este exilio em que minha alma tremem,  
Sendo estrangeiro da felicidade,  
O hinverno avança e a primavera gême,  
Porque a dor amortalha a mocidade.

Entretanto minha alma era festiva  
Como um ninho de passaros alerta,  
E resta-me somente a imagem viva  
De um sonho morto e de uma cova aberta.

De tudo o que eu amei só tenho a imagem ;  
Nem uma crença para dar conforto ;  
E a minha cova ha de pedir passagem  
Para um proscripto duas vezes morto.

SILVEIRA NETTO.



## HÉLAS !

Pertencem-te o esplendor das formas fulguroosas,  
E o luar desse olhar que um mar contem, sombrio,  
E o opulento coral do rosal onde as rosas  
Se alinham (com que alvura !) em perolas a fio ..

Tua,—a eclosão lyrial do val onde as formosas  
Magnolias da Illusão estão num vivo estio,  
(Não fragorosas náos de noites tempestuesas  
Que abrem vélas á flor do Horror no frio rio...)

Teos os seios e as mãos ; seios cheios de tardes  
Morenas e outonaes, somnambulos occasos,  
Que... (homens! comprehendereis quando bastante amardes !)

Tuas,—a fronte insonte, e os pés, e a coxa, e o vulto,  
E toda alma a cantar dos teos beijos nos vasos...  
Mas... meo—o sol do Amor na minha Dor occulto !

LEONCIO CORREIA.

# FLORES DE LARANGEIRA

A meu primo M....

Seguem hoje as flôres de larangeira de tua encommenda — umas flôres adoravelmente candidas, como a candidez adoravel da tua affectuosissima noiva.

Ora, imagina, meu idolatrado primo, que ao comprar o precioso artefacto do teo pedido, salteou-me a mente uma endiabrada idéa atróz, que só a virginal pureza da tua eleita podia suggerir. .

Uma idéa lugubre, de uma excentricidade bruptal, trèfega, mas invencivel, piamente invencivel!...

Ouve lá, charo primo : Quem me vendeo essas flôres foi a modista Berthier, uma loura franceza jovial, muito bonita, com ares de elegante boneca parisiense, mas pouco escrupulosa em questões de moralidade.

Em meos tempos de bohemia collegial, Berthier, que já manufacturava em S. Paulo objectos de casamento, teve amores escandalosos com um fidalgote devasso, cuja vida passara entre o calor das orgias esgalgadoras da sua estudada diplomacia de requestador de mulheres.

Diziam lá que o *canudo* do Passeio Publico, aquelle celebre ponto de admiração escarnicante, onde muita vez o adulterio e o defloramento se escorjavam impunemente, servira de theatro ás libertinagens horizontaes de Berthier com o fidalgo...

Ao encarar a franceza, unica modista desta terra, me chegavam em revoada, como um bando de gralhas estonteadas, mil pensamentos desagradaveis em relação a essas flôres de pellicia branca, espipando em meio desses pensamentos a tal idea atroz, que te revelo muito em segredo, certo de que não irás, lá por qualquer leviandade compromettedora, contar á tua gentilissima e muito virtuosa Alice.

Vê lá o que fazes !...

—0—

Meo primo.

Não te parece que o mal do corpo tem uma tal ou qual semelhança com o mal do espirito?

Não te parece que o primeiro e o segundo, se bem que provenham de genese diversa, teem todavia sua séde na fragilissima natureza humana?

Has de concordar que sim, diante de factos irrecusaveis.

Manusea qualquer pathologista contemporaneo, e verás que os agentes morbificos, como a loucura, a siphilis, as molestias cardiacas e pulmonares, transmittem-se com muita facilidade de pae para filhos, contaminando gerações inteiras de males antiquarios, que atravessam a basta camada dos tempos como uma herança maldita, zombando até dos proprios preceitos hygienicos.

A hereditariedade das enfermidades já não é uma simples investigação medica; constitue um grande axioma scientifico.

Vulpian e Charcot estudaram e descobriram essa verdade, que Lombroso, em seos raciocinios medico-legaes, pôz em evidencia para enriquecer os fastos da criminalogia moderna.

Pois bem, existe muita affinidade entre a doença corporal e a doença espiritual.

Has de te lembrar que a luxuria de Agripina encontrou acesso franco no intimo de seo filho Néro. Ambos sofreram da mesma anemia moral de que nos fala a historia.

A tradição dos Borgias, dessas assombrosas estatuas da depravação e do cynismo, ainda ahi está viva e palpitante de lubricidade. Lucrecia, que representa o typo do debuche em sua mais larga manifestação de torpezas sem nome, confirma plenamente toda a profundidade degradante dos instintos de sua familia.

Outros e outros factos, tirados ao acaso do meio em que vivemos, vêm atestar que a materia prolifica é o vihiculo mais curto dos sentimentos que sobrenadam á flor da vossa melindrosa *psychose*.

Essa assimilação physico-psychologica, esses pontos de contacto entre a materia e a espiritualidade humana, deram ensanchas á conhecida theoria da percepção externa, com que Spinoza procurou demonstrar o equilibrio existente entre a alma e o corpo, equilibrio d'onde resultam todos os phenomenos physicos e moraes do individuo.

Um sabio francez, Debay, depois de haver bisturilizado os mais escuros recessos do mecanismo gerador, desde as elasticas dimensões do ovario até as dobras aphrodisiacas da vulva, declara que da união carnal se diffundem todos os defeitos dos procreadores na quasi microscopica personalidade do embryão.

E' quasi certa a neurasthenia no bastardo do adulterio. E' muito possivel que o filho do assassino, concebido apóz a perpetração de um crime, se incarne na tetrica imagem do procreator.

Taes considerações, primo e amigo, fizeram-me crêr que a impureza da Berthier, também podesse ser transmissivel, mas de uma forma muito original, só por mim imaginada...

Ora, adivinha lá o meu raciocinio...

Pensei qpe o fogo daquelles labios, por ventura erradios nos artefactos de noivado, tivessem a facilidade de levar para longe toda a corrupção da appetitosa franceza, e que o malefico *virus* da luxuria, por descuido cahido n'uma dessas inodoras flores de laranjeira, a chispa dos olhares lubricos da modista, occulta nas repregas da grinalda, qualquer fragmentação emfim daquelle corpo tisnado pelo irrefreamento do sensualismo, podessem inocular n'alma dos noivos o germe da depravação.

Isto, segundo a minha paradoxal idea, affigurou-se-me mui realisavel, perigosamente realisavel.

Porem, tudo isso não passa de phantasia, de uma impressão momentanea, que tu não deves levar ao conhecimento de Alice, cuja sensibilidade, por certo, revoltar-se-hia contra as minhas infundadas apprehensões.

Toma cuidado, pois, e não vás dizer cousa alguma ao risonho objecto de teos sonhos...

Vê lá o que fazes !...

As flores de laranjeira devem ahi chegar purissimas como a neve, embora tocadas pelas mãos profanas da Berthier.

Mas olha-as todos os dias, antes de te casares, afim de que o calor de teos olhos amantes, crestem qualquer microbio terível que ellas contenham.

Beija-as com o fervor de tua alma de noivo, para que elles ainda mais se purifiquem.

Beija-as, meu primo, porque eu, com toda a força da minha dedicação, procurei livral-as da torva influencia da modista, imprimindo-lhes um osculo, que é o primeiro que elles segredam na brancuridade apreciavel de suas petalas.

# ETHNOLOGIA BRAZILICA<sup>(1)</sup>

O 44 fasciculo do tomo II, anno II, do *Cenaculo*, desperta-me estudos que pacientemente fiz outr'ora, que não foi-me licito concluir, porque elles reclamam um campo vastíssimo, tempo muito folgado e longo para exclusiva contensão, e sobretudo elementos completos em opulento museo.

Quando taes estudos, que bem adeantados iam, eu interrompi, em grande febre agitavam-se entre nós as questões étnicas e ethnologicas ; a anthropologia achava-se no desfructe do maior favor dos estudiosos.

Compellido a dirigir alhures minhas vistas, repousava também eu na esperança de fruir dos resultados, que colhessem outros.

Achava-me de posse dos excellentes e primorosos trabalhos do douto e indefesso Barboza Rodrigues ; e, com a maior avidez, buscava nada perder do inditoso Carlos Frederico Hartt e de Orville Derby.

---

(1) — NOTA DA REDACÇÃO — O artigo supra, que nos foi enviado pelo auctor, diz respeito á questão do Indianismo. Ha, nesse mesmo artigo, algumas referencias aos membros do *Cenaculo*.

Temos o prazer de garantir ao Sr. Dr. J. J. de Carvalho que os Redactores desta Revista são moços que estudam, porque idolatram o estudo; e não merecem que se lhes ponha em duvida a sinceridade de suas convicções. Creia o illustre facultativo, não nos deixaremos «esbarrar satisfeitos nas efflorentes superficialidades do estudo», e temos o bom senso preciso para não perder tempo inutilmente com «bombasticas palavras».

«O *Cenaculo*, em seo evolver progressivo, tem mantido a immaculada linha de conducta, delineada em o primeiro fasciculo. Como então, comprehendemos nitidamente o dever a que nos impozemos; etc. ».

Estas phrases, com que abrimos o fasciculo 10.<sup>º</sup> — primeiro do tomo presente, — não teem sido desmentidas pelos acontecimentos.

Naquelle mesmo artigo inicial, — em aventando já a questão do Indianismo, — dissemos : « Ficou resolvido, desde Dezembro findo, pugnarmos por essa idea, — aceitando « penhoradissimos, em as columnas desta Revista, tudo quanto possa interessar á vida e « costumes de nosso Selvagem.

« Não pretendemos continuar a litteratura *indianista*, nos moldes vazados por Domingos de Magalhães e José de Alencar; procuraremos interpretar o Indio, elucidal-o, — se assim é possível, — apresentando-o como verdadeiramente se o encontra, — estudando-o como « factor indispensavel á caracteristica do povo Brazileiro. »

Queira o Sr. Dr. J. J. de Carvalho, ser precioso factor desta causa que, em bôa hora, suppomos, *O Cenaculo* abraçou, — e muito lhe ficará devendo, por certo, a *Ethnographia Brazileira*.

Coritiba, 17 de Junho de 1896.

Pela Redacção: Dario Vellozo.

Rua Silva Jardim, n. 108.

Então eu tinha tambem encantador respeito pelo Dr. Ladislao Netto, que por muito, a mim e a outros, se affigurou um sabio, até que circumstancias extraordinarias o vieram descobrir como um mero e monstruoso plagiario.

Em 1881, ha 15 annos, um joven naturalista e artista frances, chamado Paul l'Epine, que tinha por algum tempo residido no Egypto, em trabalhos com o Sr. Nandy, foi convidado para o Museo Nacional do Rio de Janeiro, assim de, por ordem do imperador, tirar copia de hieroglyphos, que tinham de ser remetidos ao Sr. Maspero, professor de egpcio em Paris, que então se achava em Mariette Bey, no Egypto.

Depois o Sr. Ladislao Netto o contractou para copiar as figuras de barro de Marajó, chamando sua attenção para o que havia observado o Dr. Hartt, a respeito dos ornatos formados por linhas derivadas de contornos de cara humana.

Alem de largos conhecimentos de egpcio e de chinez, dava-se uma circunstancia mais em Paul l'Epine : elle residira por algum tempo no Mexico, onde estudára os hieroglyphos mexicanos.

Este conjunto de factos harmonicos devia naturalmente conduzir Paul l'Epine a confrontos com os symbolos dos barros ceramicos amazonicos.

O plagio monstruoso do Dr. Ladislao Netto ficou patente, evidentissimo ; e chegou até a ser escandalosamente descoberto pelo *Jornal do Commercio* de 18, 21, 25 e 27 de Outubro de 1885, em austerissimos artigos que lhe dirigio o Dr. Ferraz de Macedo, e em outras violentas publicações, a 20 de Janeiro, 28 de Fevereiro e 25 de Março de 1883, que pela *Gazeta de Notícias* fez o Dr. Sylvio Roméro.

Confesso nunca ter visto mais desastrada quéda de Icaro ; confesso que um suicidio nunca me pareceo tão cabalmente justificado !

O Dr. Ferraz de Macedo chegou á crueldade de publicar uma extensissima e notabilissima carta de Paul l'Epine, dactada de 17 de Outubro de 1885, em que este viajado, intelligent e douto naturalista confessava ser o auctor do que por seo publicará o audacioso Sr. Ladislao Netto.

Que cousa monstruosa é o plagio !

D'Israeli em sua obra *Amenities of litterature*, e Ludovic Lalanne nas *Curiosités litteraires*, que posso, apontam numerosissimos plagios.

No seculo XV alguns atrevidos copistas arrogaram-se a originalidade de importantes manuscriptos da antiguidade gregoromana.

Leonardo Bruni d'Arezzo, achando um manuscripto grego de Procopio, sobre a historia dos Godos, publicou-o com seo nome em latim, sem suspeitar que, depois de sua morte, em 1444, a verdadeira fonte podesse ser descoberta.

Perotti, arcebispo de Manfredonia, por se acharem ainda ineditas as fábulas de Phedro, teve o arrojo de intitular-se autor de muitas d'ellas.

O trabalho *De gloria*, de Cicero, foi destruido pelo Veneziano Alcyono, depois de, em seos escriptos, arreiar-se fatuamente com as principaes passagens do manuscripto unico do grande orador.

Machiavel é accusado de haver furtado o manuscripto *Apophtegmas dos Antigos*, de Plutarcho.

Antonio Doni roubou a traducçao das *Epistolas* de Seneca, feita por Sebastião Manilio.

Sancto Ignacio de Loyola é accusado de haver copiado á letra, nos seos celeberrimos *Exercicios espirituales*, o escripto do mesmo genero do abade de Montserrat, Cisneras, fallecido em 1540.

Voltaire queixa se de que sua *Histoire de Charles XII* fosse pilhada pelo padre Barre, que a metteo em uma historia d'Allemansa, em dez volumes.

Corneille, de cuja boa fé não me parece licito duvidar, no *Polyeucte* diz da Fortuna :

«Et comme elle a l'éclat du verre,  
Elle en a la fragilité.»

Ora, estes douis versos, exactamente os mesmos, os mesmismos, quinze annos antes de Corneille escrever o *Polyeucte*, haviam sido escriptos por Godeau, bispo de Vence, em uma ode ao Cardeal de Richelieu.

A ode é de 1625 ; o *Polyeucte* de 1640 !

Corneille teria lido e decorado esses versos, supondo-os mais antigos e desconhecidos no momento de enxertal-os, ou espontaneamente ter-se-ia encontrado com Godeau na perfeita similaridade do pensamento e da forma ?...

Facto identico ocorreu com Racan, e d'esta feita tractando-se de uma quadra inteira

Virgilio não reproduziu tantos versos de Ennius ?...

Camões não traduziu tantos de Virgilio ?...

O critico Malone, em 6043 versos de Shakspeare, achou 1774 em tudo, exactamente em tudo, os mesmissimos escriptos por outros poetas predecessores ; 2373 tambem um tanto similares a outros ja conhecidos, mas refundidos e disfarçados ; só restando 1899 versos shakespeareanos originaes !!!...

Nos arraiaes da nossa litteratura portugueza temos tambem interessantissimos casos :

O padre João de Lucena, na *Vida de S. Francisco Xavier*, fez verdadeiras e tristes delapidações ás *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto.

O chronista Garcia de Rezende roubou Ruy de Pina.

Diogo Bernardes roubou versos de Camões, facto pilhado pelo douto Faria e Souza.

Emfim o proprio Camões, de Garret, foi, em 1839, reimpresso na Bahia por um cynico menestrel, por um desaforado piégas, que o offereceo, dedicou e consagrou, como producto de seo engenho, á dama que o maroto requestava.

Ah ! o plagio !!!... O plagio !!!... que cousa monstruosa !!!,

Os importantissimos trabalhos do notavel joven orientalista francez Paul l'Epine, induzem e arrastam forçosamente a consequencias extraordinarias e novas, sobre a origem evolutiva artistica das raças d'America, onde evidente fica que os symbolos amazonicos são analogos aos egypcios e aos chinezes.

A leitura e interpretação critica da ceramica amazonica conduz insensivelmente á prova de uma emigração ou migração da raça amazonica, cujo exodo, e talvez a derrota, parece achar-se indicada no vaso do necroterio de Pacoval, cujo desenho o sr. Ladislão Netto, por não saber entender, publicou invertido, cuja traducción possuo, feita pelo erudito Paul l'Epine.

Reconhecida e authenticada a similaridade entre os symbolos dos vasos de Marajó com os do Egypto, Mexico e China, a conclusão logica, a que somos, forçosa e iniludivelmente, impellidos, é que existio na America uma civilisacão commum aos povos da Asia, e ás primeiras tribus do Egypto.

Esta asserção revela-se com perspicuidade, analysando os productos deixados por aquelles habitadores dos rochedos na America, *Cliff-Dwellers*, ou examinando os productos artisticos encontrados nos *Mound-Boulders*.

Sem ir mais longe, a archeologia, pelos objectos ceramicos, fornece-nos as mais irrecusaveis provas de uma communicação

antiquissima entre a America e outros povos remotos, pois que a capacidade, a forma e a ornamentação dos vasos americanos é similar à do antigo continente, especialmente pela tenuidade e elegancia, ainda que, até ao momento actual, ignoremos os elementos chimicos empregados em sua colorisação, variadissima e mui fixa.

Mui ao envez dos Gregos e dos Romanos, os habitantes da America pouco usavam de figuras lascivas, tanto nos productos ceramicos, como na escultura; todo o vasilhame, porém, destinado à conservação das bebidas, à arte culinaria, ao serviço da mesa, às alampadas, aos vasos de beber, aos serviços funerarios, aos apparelhos de fumadores, aos objectos de arte figurativos naturaes — de fructos, de plantas, de animaes, do homem, de combinações imaginosas — etc., é surprendente em geral e em particular em relação ao rosto humano, que forçosamente devia representar retratos contemporaneos, feitos por artistas, que os executavam não só com delicadeza, até com verdadeiro talento.

Não se pode negar ter sido por muitos vasos que nos foi transmittido o conhecimento da forma dos vestuarios, naquelles tempos usados.

Nada se pode conhecer pelo Museo de Coritiba, louvavel esforço de um só homem desajudado; mas taes estudos é licito fazer com vantagem nos Museos de S. Luiz e do Rio.

. . . . .

As relações das duas civilisações egypcia e chineza derivam de uma primitiva população, que no Egypto teve o culto solar, chamada os *Kemitas*, designação topographica (*Kem* — o rio, nome primitivo do Egypto), civilisação que foi analoga tambem á dos *Sumir* (*Sumeri*, a gente do rio; *Snomi*, o rio segundo Cástren) da civilisação accádica da Chaldéa.

No *Papirus* de Bulak vêem citados os *povos de pelle branca*, como primeiros habitadores do Egypto, aos quaes no capítulo X do *Genesis* chamam os *Anamin* ou *An*, nome a que corresponde na Chaldéa o do deos *Anu*, isto é, o ancião dos Dias, e no Egypto o deos *Han*, o deos ancião.

Portanto a relação da civilisação chineza com a egypcia explica-se hoje por derivarem ambas de um fundo commum, a que os eruditos modernos chamaram *civilisação turaniana*, e de que a civilisação accadica da Chaldéa é o documento mais antigo, que conhecemos.

Por ignorar esta origem da civilisação da raça amarella, que

teve a sua séde na Asia anterior, é que o historiador brasileiro F. Warnhagem, visconde de Porto Seguro, em seu livro os *Tupi-Guarany*, cuja leitura tambem recommendo aos moços, que ora estudam estas interessantes questões, approximou as antiguidades americanas,— como o expremedor da mandioca e o vocabulario tupi,—dos usos egpcios e da lingoagem copte.

D'este erroneo confronto facilmente foi o nosso eruditio levado á these aventurosa da origem egpcia da civilisação americana, quando estas analogias de maneira alguma derivam da communicação com imaginarios navegadores egpcios, mas são unicamente originadas d'esse fundo commun da civilisação das raças amarellas, trazido para a America pelas tribus mongoloides, que para aqui migraram do continente asiatico.

As analogias com os symbolos mexicanos são a prova de que os caracteres hieroglyphicos amazonicos pertencem á essa raça mongoloide, que continuou a sua migração de norte a sul.

O problema das origens budhicas na civilisação americana está tambem invertido, por falta de um justo criterio historico.

O budhismo nasceu de uma assimilação das crenças e concepções moraes das raças amarellas com quem os Arias orientaes se viram em contacto. Por consequencia, essa revolução religiosa, que ataca o brahamanismo, conservou os elementos tradicionaes primitivos aos turanianos das raças amarellas ; e é por este fundo ethnico, tão bem definido por Senart, que logicamente se explicam as similaridades, que transparecem na antiga civilisação americana.

Neste ponto, embora no fundo identica a nossa opinião, como por vezes practicámos Sylvio Romero, o finado Tantphans e eu, divergimos com tudo, porque eu mantendo e sustento estas idéas, que para Sylvio Romero são *Braguismo*, e que elle jamais por outras substituiu.

Wilson Tylor e Alexandre Humboldt notaram as analogias que existem entre as tradições mexicanas e da India ; mas a India aqui representa as impressões deixadas pelas raças amarellas sobre os Arias.

E' neste sentido que eu acceito o confronto dos hieroglyphos indianos, regeitando absolutamente a these de Fidel Lopes, e bem assim a do nosso Warnhagem, por falsas e de todo deslocadas.

Notamos, pois, que, antes do pouco desenvolvimento da raça branca, a raça amarella teve uma civilisação quasi completa, que a levou á posse do globo pela occupação da America.

Tudo quanto se descobrir na America, que seja analogo á

cultura chineza, egypcia ou india, não deriva de nenhum d'estes focos, mas sim de uma epocha em que tribus mongoloides, nas suas migrações, fixaram durante a sua occupação as formas do estado social, em que se achavam, quando se separaram da sua séde asiatica.

Eu já disse que meos estudos interrompidos foram.

Oxalá estes moços de hoje, com seo ardor nativista, dizendo-se cultores devotados do indianismo da litteratura, em seo grito de guerra pelo indio, não se esbarrem satisfeitos nas efflorentes superficialidades do estudo.

Assim nada terão feito, nem ao menos digno de sua inexperiencia, que ora muita lhes desculpa.

Querem elles ou não estudar ? !

Ethnologia não se faz com declamações rhetoricas.

Alexandre Rodrigues Ferreira, nos fins do seculo passado, disse tudo quanto era licito sobre os Indios Amazoicos, sem esquecer os *ceramios*.

Em 1860 o poeta Gonçalves de Magalhães publicou a memoria *Os indigenas do Brazil perante a historia*; Gonçalves Dias, poucos antes de sua morte, lia o interessante livro *O Brazil e a Oceania*, publicado pela "Revista do Instituto" em 1867, encerrando varias noticias sobre os *Tapuias* e seos successores *Tupis*; em 1863 o distinctissimo germanista brasileiro Dr. Th. Alves Nogueira publicou a dissertação *De Americanorum gentium origine*; em 1867 o venerando Felippe de Martius deo ao publico as admiraveis *Beitrage zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*; em 1871 o Dr. Carlos Kath publicou a *Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa e o interior do Brazil*; em 1874, o Dr. Couto de Magalhães deo sua opulenta Memoria *Região e raças selvagens do Brazil*, e douss annos depois reeditou o livro com o só titulo *O Selvagem*, —então accrescido de uma grammatica tupi e de um punhado de contos indianos; em 1876 Barboza Rodrigues publicou seos *Ensaios de sciencia*; nesse mesmo anno, nos *Annaes da Biblioteca Nacional* aparecem os valentes estudos de Baptista Caetano architectando verdadeiro monumento linguistico; em 1876 Warnhagem publicou seo livro *Origens turanas dos Americanos Tupis-Carahibas*; mais tarde o nosso historiador deo-nos a bella edição de Montoya; em 1876 o celebre botanico Freire Allemão fez diversas publicações sobre os indigenas sob o ponto de vista medico; Gonçalves Tocantins

sobre o ponto de vista archeologico e ceramico ; os doutores Baptista Lacerda e Rodrigues Peixoto imprimem seo primeiro estudo de craniometria ; modernissimamente grandes e notaveis trabalhos, quaes : *Das edades da pedra e do bronze no antigo e novo mundo*, pelo professor Worsœ ; *a Industria primitiva ou exposição das obras de pedra, de osso ou argilla das raças indigenas do lado do Atlântico da America do Norte*, pelo Sr. Charles C. Abbott. Estados Unidos. 1881 ; *Viagem e Pesquisas na América do Norte*, por Ten Kate, Leyde. 1885 ; *Os Indianos da California*, por F. W. Putnam. 1880 ; *Descoberta da America pelos Normandos no 10 seculo*, por G. Gravier ; *Os autochtones da America*, pelo professor J. Kollmann, 1883 ; *Dos modos de sepultura dos indianos da America*, pelo Dr. H. C. Yarrow. Washington. 1880 ; *Medida das diferentes raças humanas*, por Weisbach. Berlin. 1878 ; *As artes desconhecidas*, por Emilio Soldi ; *Ovasilhame nos antigos habitantes da America* ; etc. etc.

Este não pequeno resumo bibliographico, que apenas aqui deixo indicado, serve para denotar aos estudiosos quanto já ha respigado, e por onde lhes cumpre enveredar os corajosos passos, se ha seriedade em seo proceder, se, como bem creio, ha nelles muito mais do que a fatuidade de bombasticas palavras.

Pela homotypia craniana de varias zonas reputadas autochtonicas, provada pela morphologia (1.<sup>a</sup> these), e pelas heterogeneias individuaes reveladas por observações physico-psychologicas (2.<sup>a</sup>), se poderá chegar á resolução de magnos e interessantissimos problemas ethnicos, ethnologicos e anthropologicos.

Ha ou é lícito nutrir esperanças de fazerem-no os nossos estudiosos aqui ?

Eu o desejo sinceramente.

DR. J. J. DE CARVALHO.



# A PARABOLA DO AMOR

(Setembro. Ria a Primavera pela bocca das rosas. Ja lá  
vão trez annos...)

EU

— Primavera, faze-me protegido teo; o hinverno, que ha  
pouco se foi amortalhado na propria névoa, caminho do Campo  
Santo da Transformação, — deixou-me ás portas da Vida. Sinto  
que vou entrar na edade do Amor.

Antes de vir ter com tigo, vi Alguem que tinha no olhar a  
candura do teo olhar e na bocca a meiguice da tua bocca.

A PRIMAVERA

(Indicando-me o Oriente) — Vês o horizonte em chamas?

EU

— E' o prenuncio das grandes tempestades da alma humaná.

A PRIMAVERA

— E' a approximação da Vida. Aquella còr vermelha é o  
Sangue da Natureza. O Sol é um composto de Sangue.

EU

— E o que tem o Amor com o Sol?

A PRIMAVERA

— Tudo. Um Sol aponta no horizonte para dar vida á Natu-  
reza; os corações queimam-se ao calor do Sol do Amor. Disseste  
que amas...

EU

— Supunha...

A PRIMAVERA

— Não amas, de facto. O amor não admite duvidas. O que  
se passa presentemente em ti, passa-se tambem no Oriente  
neste momento. Em ambos ha a approximação da Luz que é a  
Vida.

Essa luz, na Natureza, chama-se Sol; nos corações chama-se  
Amor.

Vês somente o horizonte em chamas e julgas ver o Sol em  
todo o seo esplendor!... Tens muito que errar o caminho da  
Vida. Segue-o, segue-o, como te approuver.

Quem te disse que a Primavera é a Deosa do Amor?

EU

— Presenti-o... .

## A PRIMAVERA

— Não te mentio o instinto; entretanto, não quero crentes que não saibam o que é a Provação e o Desconsolo; — quero convertidos, que venham a mim depois de provarem todas as torturas da Vida. Vae !

EU

— Irei, mas crente de que a Deosa do Amor é igualmente a Deosa do mal.

## A PRIMAVERA

— O Amor não tem Deosa. Nem eu o sou, nem ninguem o é. Venus, a teo vêr, não o é tambem: Venus será, antes, a Deosa do Impudor. Cupido o Deos da inconsciencia. (*E foi-se*).

EU (só)

— Irei. Procurarei recordar o caminho da casa da mulher que vi ao entrar na estação do Amor. Tenho della umas vagas reminiscencias... é uma casa azul... uma palmeira defronte... Errarei decerto por muito longe, antes de encontra-la... Que importa!.... A Primavera disse-me que o Amor aceita de melhor grado convertidos, que fieis inconscientes, embora submissos.

(*E parti. Decerto divaguei, em inexplicavel somnambulismo, por muito longe, por muito tempo. Encontrei-a, alfin! Esperava o stygma do seo despreso e deo-me o sello do seo perdão!...*)

ELLA

— Quando te encontraras com a Primavera, dize-lhe que já sabes explicar a sua parábola. Dize-lhe que agora comprehendes a razão porque o Amor não tem uma só Deosa para todos...

EU

— E' que cada um sacrifica ao Amor, no altar da pessoa amada!...

ROMARIO MARTINS

## RESPIGAS

41 — VAGAS, por Sabino Baptista. Edição da *Padaria Espiritual*, Ceará, 1896. (Bibliotheca da «Padaria Espiritual»).

Recebemos do Sr. Sabino Baptista o seo volume de versos, denominado VAGAS, editado pela operosa Padaria Espiritual, do Ceará.

O auctor que, n'um verso, diz ser a sua lyra joven ainda, mostra-se com talento em algumas poesias em que soube despegar-se mais de moldes estranhos, fazendo prevalecer a sinceridade; em outras submette-se á inteira influencia de outros poetas, sacrificando descuidosamente a autonomia e o merito do seo trabalho; finalmente, versos fracos, e entre elles alguns errados, desharmonizam consideravel parte do livro.

Nas REMINISCENCIAS, onde ha inspiração e sentimento exaltando diversos quadros, estes versos :

eu era teo, só teo, unicamente,  
tu eras minha, unicamente minha...

são filhos destes soberbos alexandrinos do grande sonhador das ONDAS :

E tu podias ser, tu que és formosa e artista,  
—Minha, somente minha e eu teo, somente teo.

A BALLADA ERRANTE é imitação mediocre da *Canção Perdida*, de Guerra Junqueiro.

Os versos, da pagina 25 :

Por onde a rir vae-se existencia fora...

da pagina 33 :

Que, adormecida, jamais vibrou n'elle.  
accusam rudemente falta de metrica e de muzica.

Estes são exemplos que tomamos á primeira vista.

Entretanto as poesias UTAS, No MEO ANNIVERSARIO, parte das REMINISCENCIAS, têm alma e arte no modo de exprimir o sentimento.

Esta quadra do ADEOS :

Bramia o mar potente e soberano,  
e elle nervoso, tremulo, febrento  
disse-lhe adeós... Que esforço sobrehumano  
fez p'ra occultar o amargo sofrimento !

é de uma sinceridade tocante.

As VAGAS do Sr. Sabino Baptista são verdadeiramente o que dizem os jornaes todo dia :—uma promessa.

O poeta cearense precisa levar mais em conta o magno valor da personalidade artistica ; dispendar maior escrupulo no burilamento da sua obra ; dar, enfim, desse modo e com o predominio de versos inspirados, maior vulto ao sentimento e à arte que deixa entrever em algumas bellas estrophes das VAGAS.

## Com o Cenaculo

*Da Astreia (Minas) :*

« *O Cenaculo*, revista mensal, editada em Coritiba - Paraná, sob a illustrada redacção do sr. Dario Vellozo. O numero que temos á vista, traz interessante prosa e esplendidas poesias. »

*Das Bôas Novas (Campos,) de 15 de Maio :*

« A redacção de *O Cenaculo*, gentilmente nos endereçou trez fasciculos da sua importante revista, que vê a luz em Coritiba, trabalhos de muito merito, sendo impressa com apreciavel nitidez. Agradecidos. »

*Do Guaraná (Guaraná), de 17 de Maio :*

« *O Cenaculo*, magnifica revista litteraria publicada em Coritiba, Paraná ; sob a intelligente redacção de Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga. O numero que temos á vista (13.º do Tomo II, do 2.º anno) traz doze excellentes artigos, firmados pelo seos redactores e outros conhecidos escriptores. »

*D'A Republica (Coritiba), de 2 de Junho :*

« Recebemos o 14.º fasciculo desta importante revista que nesta capital se publica.

« Traz o retrato de Mello Moraes Filho, e é quasi que inteiramente dedicado á questão indigena, que ora se aventa, pode-se dizer dirigida por Mello Moraes.

« *O Cenaculo* pois, dando o seo retrato, presta justissima homenagem a esse illustre brazileiro. As notas biographicas e o elogio de Mello Moraes Filho, são feitos por Silveira Netto que muito bem diz em seo artigo : — « Esta homenagem feita ao dr. Mello Moraes Filho prende-se naturalmente, á propagan-

« da de nacionalisacão requerida em todos os terrenos pelo momento de instabilidades e de prenuncios reformadores que atravessamos. »

« Segue-se um bom artigo de Julio Pernetta, intitulado *O selvagem Brazileiro*, onde o illustre moço affirma que « o amor instinctivo do solo, eis o que levou o selvagem brazileiro ao campo da lucta, onde se batia com extraordinario heroismo».

« Um artigo de Rocha Pombo, sobre o modo de escrever-se o vocabulo indigena Paraná, concluindo d'ahi que, sendo a sua significação «semelhante ao mar» « nada mais natural do que concluir, e concluir com toda a segurança, que os primeiros visitantes do rio que tem esse nome, já conheciam o mar.

« — *Vendo-a*, de Leoncio Correia, soneto cheio de uma verdadeira idealisacão de poeta, de uma impeccabilidade sem limites, rhythmico como os sons das harpas éolias, atravessadas nas ramagens e tilintando ao bafejo suave da brisa.

« — *Lenda do morro feiticeiro*, por S. E. vos Saporski; bem interessante e bem contada.

« — *Pelos Indios!*, de Dario Vellozo. Continuacão de um bem formulado estudo, onde o espirito preparado desse illustre moço revela-se profundamente investigador.

« — *Abaré! Abaré!*, de Romario Martins.

« — *Exclusivismo*, de Ricardo de Lemos. E' a melhor producção poetica desse esperançoso moço. Esse soneto revelou-o; nelle ha firmeza de ideas e conhecimento dos muitos mysterios da poesia.

« Venha pois de lá um abraço a este triste chronista.

« — *A Evolução*, do dr. Carvalho de Mendonça. Estudo conscientioso e profundo, que não deve deixar de ser lido por ninguem.

« — *Respias*, por Silveira Netto. Noticia dos ESQUIFES de Dario Vellozo, que termina com esta phrase de ouro:

«Com o livro e a imprensa livre e honesta, illumina-se metade do futuro.»

R. M.)

FIM DO TOMO SEGUNDO

# INDICE DO TOMO II

|                                                             | Pags.                |
|-------------------------------------------------------------|----------------------|
| O CENACULO, por Dario Vellozo . . . . .                     | 5                    |
| MATINAL, de Elyzeo Montarroyos . . . . .                    | 6                    |
| GALERIA DO CENACULO :                                       |                      |
| <b>Leoncio Correia</b> , por Dario Vellozo. . . . .         | 7                    |
| <b>Dr. Mello Moraes Filho</b> , de Silveira Netto . . . . . | 129                  |
| MIZERIA DA ALMA, de Silveira Netto . . . . .                | 10                   |
| A' MINHA MÃE, de Arthur Bahia . . . . .                     | 16                   |
| HYGIENE, de Alfredo Munhoz . . . . .                        | 17                   |
| VISION, de Iwan Gilkin . . . . .                            | 22                   |
| LA DÉBÂCLE, por Jean Itiberé . . . . .                      | 22                   |
| FORMAÇÃO DAS FLORESTAS, de Ernesto de Oliveira . . . . .    | 23                   |
| SIMPLE QUESTION, por J. Keating . . . . .                   | 26                   |
| A EVOLUÇÃO, de Carvalho de Mendonça . . . . .               | 27, 46, 78, 107, 155 |
| A IMPRENSA E O CLERO, por Dario Vellozo . . . . .           | 33                   |
| PROMETHEO, de Leoncio Correia . . . . .                     | 45                   |
| FUNERAL DAS LAGRIMAS, de Julio Pernetta . . . . .           | 49                   |
| A ELECTRICIDADE, de Romario Martins . . . . .               | 51                   |
| PIADEDE, de Silveira Netto. . . . .                         | 52                   |
| EM GUARDA, de Albino Silva . . . . .                        | 53                   |
| CONFERENCIAS RELIGIOSAS, de Chicorro Junior . . . . .       | 55, 63, 119          |
| DESOLAÇÃO, de Antonio Braga. . . . .                        | 64                   |
| CREPUSCULO, de Julio Pernetta . . . . .                     | 64                   |
| LE PÉNITENT, de Iwan Gilkin . . . . .                       | 77                   |
| Do FUNERAL, de Silveira Netto . . . . .                     | 84                   |
| O CONSORCIO DE CARMEN, por Dario Vellozo . . . . .          | 84                   |
| A CAPELLA DE S. FRANCISCO, por Julio Pernetta . . . . .     | 90                   |
| PELOS INDIOS, por Dario Vellozo . . . . .                   | 97, 145              |
| O CLERO E O ENSINO RELIGIOSO, de Albino Silva. . . . .      | 99                   |
| TRAGEDIA DA VIDA, de Julio Pernetta. . . . .                | 103                  |
| LE MAUVAIS JARDINIER, de Iwan Gilkin . . . . .              | 106                  |
| SOCIALISMO E CLERO, de Silveira Netto . . . . .             | 110                  |

|                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------|-----|
| CONFIDENCIA, de Antonio Braga . . . . .                      | 116 |
| LITANIA, de Silveira Netto . . . . .                         | 117 |
| NHEENGA, de Rocha Pombo . . . . .                            | 123 |
| LUAR, de Dario Vellozo. . . . .                              | 124 |
| O SELVAGEM BRAZILEIRO, de Julio Pernetta . . . . .           | 135 |
| OS INDIOS, de Rocha Pombo . . . . .                          | 138 |
| VENDO-A, de Leoncio Correia. . . . .                         | 140 |
| A LENDA DO MORRO FEITICEIRO, de S. E. vos Saporski . . . . . | 141 |
| ABARÉ, ABARÉ!, de Romario Martins. . . . .                   | 153 |
| EXCLUSIVISMO, de Ricardo de Lemos. . . . .                   | 154 |
| OS DOUS NADAS, de Edmundo de Barros. . . . .                 | 161 |
| TÓTÓ BUENO, de Julio Pernetta . . . . .                      | 162 |
| VIA DOLOROSA, de Silveira Netto . . . . .                    | 173 |
| HÉLAS, de Leoncio Correia . . . . .                          | 174 |
| FLÓRES DE LARANGEIRA, de Nestor de Castro. . . . .           | 175 |
| ETHNOLOGIA BRAZILICA, pelo Dr. J. J. de Carvalho . . . . .   | 178 |
| A PARABOLA DO AMOR, de Romario Martins . . . . .             | 186 |

**Respias :**

|                                          |                       |
|------------------------------------------|-----------------------|
| COM o CENACULO . . . . .                 | 31, 95, 127, 160, 189 |
| ANATHEMAS, por Dario Vellozo . . . . .   | 93                    |
| ALMANACK DO PARANÁ . . . . .             | 95                    |
| NOVA REVISTA, por Dario Vellozo. . . . . | 125                   |
| ESQUIFES, de Silveira Netto . . . . .    | 158                   |
| VAGAS, de Silveira Netto . . . . .       | 188                   |

**FIM**

# **Condições de assignaturas**

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

Sempre que fôr possivel, a Redacção dará traços biographicos de personagens conhecidos nas Lettras, Artes, Sciencias, Industrias e etc., acompanhando-os do retrato do biographado.

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, alem da boa vontade da Redacção, será restituída aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importancia dos fasciculos não publicados.

O CENACULO acceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

## **Preço da assignatura :**

|                   |        |
|-------------------|--------|
| Semestre. . . . . | 6\$000 |
|-------------------|--------|

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre.

## **Venda avulsa :**

|                                        |        |
|----------------------------------------|--------|
| Fasciculo . . . . .                    | 1\$500 |
| Fasciculo de mezes atrasados . . . . . | 2\$000 |

## **EXPEDIENTE**

O CENACULO acceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Só se publicam trabalhos ineditos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da Redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a rua SILVA JARDIM, n.º 408.

O CENACULO acha-se á venda nas Livrarias da Capital.